

Redes Culturais nos Primórdios da Europa

2400 Anos da Fundação da
Academia de Platão

Carmen Soares, Francesc Casadesús
Bordoy & Maria do Céu Fialho
(coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

DIRETOR PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Delfim Leão
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação, João Pedro Gomes, Marina Gelin Fernandes
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Alberto Bernabé Pajares
Universidade Complutense de Madrid

Delfim Ferreira Leão
Universidade de Coimbra

Lautaro Lanzilotta
Universidade de Groningen

Luísa Severo Buarque de Holanda
Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro

Mário Santiago de Carvalho
Universidade de Coimbra

Nuno Simões Rodrigues
Universidade de Lisboa

Tomás Calvo
Universidade Complutense de Madrid

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

Redes Culturais nos Primórdios da Europa

2400 Anos da Fundação da
Academia de Platão

Carmen Soares, Francesc Casadesús
Bordoy & Maria do Céu Fialho
(coords.)

Universidade de Coimbra e Universidade das Ilhas Baleares

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

REDES CULTURAIS NOS PRIMÓRDIOS DA EUROPA - 2400 ANOS DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA DE PLATÃO
THE EARLY DAYS OF EUROPEAN NETWORKING - 2400 YEARS FROM THE FOUNDATION OF PLATO'S ACADEMY

COORD. ED.

Carmen Soares, Francesc Casadesús Bordoy & Maria do Céu Fialho

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact
imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination
Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics
Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics
Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by
Simões & Linhares, Lda. Rua 4 de Julho, Armazém
n.º 2, 3025-010 Coimbra

ISSN
2182-8814

ISBN
978-989-26-1176-1

ISBN Digital
978-989-26-1177-8

DOI
<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1177-8>

Depósito Legal Legal Deposit

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contato Contact
@annablume.com.br

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
www.fct.pt
POCI/2010



Projeto UID/ELT/00196/2013 -
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade
de Coimbra

© Abril 2016
Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Universtitatis Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

A ortografia dos textos é da inteira responsabilidade dos autores.

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under
Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

REDES CULTURAIS NOS PRIMÓRDIOS DA EUROPA - 2400 ANOS DA FUNDAÇÃO DA ACADEMIA DE PLATÃO

THE EARLY DAYS OF EUROPEAN NETWORKING - 2400 YEARS FROM THE FOUNDATION OF PLATO'S ACADEMY

COORD. ED.

Carmen Soares, Francesc Casadesús Bordoy & Maria do Céu Fialho

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Coimbra e Universidade das Ilhas Baleares

RESUMO

Em comemoração dos 2400 anos da fundação da Academia de Platão, o presente volume reúne dez contributos sobre a figura do fundador da Academia, sua escola e obra, bem como sobre a influência por ele exercida em autores posteriores (da Antiguidade aos nossos dias) e receção desse legado ao longo da história.

Em termos de temáticas abordadas, os primeiros cinco capítulos incidem na análise de conteúdos diversos tratados nos diálogos platónicos. Começa-se por considerar a importância do *Fedro* na conceção filosófica de um 'lugar supraceleste'. Seguem-se duas reflexões sobre a *paideia* platónica, uma centrada n' *O Político*, outra na análise das práticas desportivas n' *A República* e n' *As Leis*. São também perspectivadas as implicações (dramáticas/filosóficas) da origem multicultural das personagens n' *As Leis*, bem como a perceção do banquete como modelo de comunidade sobre a qual se constitui a comunidade filosófica. Os cinco capítulos restantes concentram a sua atenção na presença em autores posteriores (do neoplatonismo à literatura contemporânea) do filósofo, da sua obra e da Academia.

PALAVRAS-CHAVE

Academia, Platão, Platonismos, Receção, *A República*, *O Político*, *As Leis*, *Fedro*, *O Banquete*, *Parménides*.

ABSTRACT

By celebrating the 2400th anniversary of the founding of Plato's Academy, this book gathers ten contributions concerning the founder of the Academy, his school and work, as well as the influence Plato exerted on later authors (from antiquity to the present), and the reception of his legacy throughout history.

The themes explored in the five initial chapters focus on the analysis of various topics treated in individual Platonic dialogues. To begin, the *Phaedrus* is considered for its significance regarding the philosophical conception of a "supra-heavenly place". The next two chapters reflect upon Platonic *paideia*, first on the pedagogical principles of *The Statesman*, and next on the analysis of sports activities in *The Republic* and in *The Laws*. The dramatic and philosophical implications arising out of the multicultural origins of the characters in *The Laws* are brought into perspective alongside an insight drawn from the banquet, considered a model on which a philosophic community can be constituted. The five remaining chapters have a general focus on Plato's presence in later authors (from Neoplatonism to contemporary literature), as well the influence of the Academy.

KEYWORDS

Academy, Plato, Platonisms, Legacy, *The Republic*, *The Statesman*, *The Laws*, *Phaedrus*, *Symposium*, *Parmenides*

COORDENADORES

Carmen Soares é Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma universidade. Os seus estudos e traduções desenvolvem-se na área científica de Estudos Clássicos, focando-se nos seguintes domínios específicos: historiografia (Heródoto), filosofia (Platão), tragédia (Eurípides), família, dieta e alimentação. Na qualidade de tradutora e comentadora de textos clássicos é co-autora dos livros V e VIII das *Histórias* e autora do *Ciclope* de Eurípides, do *Político* de Platão e de *Sobre o afecto aos Filhos* de Plutarco.

CV completo: www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7724126685525965

Francesc Casadesús Bordoy é professor de filologia grega na Universidade das Ilhas Baleares e presidente e da Sociedade Ibérica de Filosofia Grega (SIFG). Traduziu para espanhol *O Críton*, *O Sofista* e *O Político* e, como investigador principal de diversos projetos de investigação, realizou numerosos estudos sobre os mistérios, as religiões órfica e dionisíaca e suas relações com a filosofia grega, em especial a pitagórica, a heraclítica e a platónica.

Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho é Professora Catedrática de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra desde 1998 a coordenadora da Área de Estudos Gregos do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da mesma universidade. Foi Coordenadora Científica do mesmo Centro entre 2000 e 2014. Actividades de ensino, interesses e publicações: Línguas e Literaturas Clássicas, Teatro Grego e Recepção, Poética e Ética (Platão e Aristóteles), Plutarco, épica alexandrina, novela grega. É autora de vários livros e artigos e tradutora para português de *Traquínias*, *Rei Édipo*, *Electra*, *Édipo em Colono*, de Sófocles, e também de Plutarco (*Vidas de Teseu* e de *Alcibiades*).

EDITORS

Carmen Soares is Associate Professor of the University of Coimbra (Faculty of Letters) and member of the Centre of Classics and Humanistic Studies of the same university. Teaching activities, research interests and publications: Classics, Ancient Greek History and Food History. Author of several books and papers and translator into Portuguese of Herodotus' Histories (*books V and VIII*), Euripides (*Cyclops*), Plato (*Statesman*) and Plutarch (*On Affection for Offspring*).

Complete CV: www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=7724126685525965

Francesc Casadesús Bordoy is professor of Greek Philosophy at the University of the Balearic Islands, and president of the Iberian Society of Greek Philosophy (SIFG). He has translated the *Criton*, the *Sophist* and the *Statesman* of Plato into Spanish and, as chief investigator of diverse research projects, has carried out numerous studies related to the Mysterious, orphic and Dionisyan religions and their connection with Greek philosophy, especially Pythagorean, Heraclitean, and Platonic Philosophies.

Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho is Full Professor of Classics at the University of Coimbra since 1998 and coordinator of the area of Greek Studies of the Centre of Classics and Humanistic Studies of the same university. She was Scientific Coordinator of the same Center between 2000 and 2014. Teaching activities, research interests and publications: Classics, Greek Theatre and its Reception, Poetics and Ethics (Plato and Aristotle), Plutarch, Alexandrian Epic and Greek novel. Author of several books and papers and translator into Portuguese of Sophocles' *Trachiniae*, *Oedipus the King*, *Electra*, *Oedipus at Colonus*, and also of Plutarch (*Theseus' and Alcibiades' Lives*).

SUMÁRIO

PREFÁCIO (Foreword)	11
FEDRO 247c: <i>HYPEROURANIOS TOPOS</i> , EL SAGRADO Y FILOSÓFICO REINO DEL SER (<i>Phaedrus</i> 247c: <i>Hyperouranios Topos</i> , the Sacred and Philosophical Realm of Being) Francesc Casadesús Bordoy	13
A <i>PAIDEIA</i> EM PLATÃO: O POLÍTICO (Plato's <i>Paideia</i> in <i>The Statesman</i>) Carmen Soares	23
PRÁTICAS ESPORTIVAS EM PLATÃO (Sporting Practices in Plato) Fábio de Souza Lessa	35
SEJA RESPONSÁVEL: LEITURAS X-ENÓFILAS DO LIVRO I DAS <i>LEIS</i> DE PLATÃO (Be Responsible: Drink in Moderation. A X-enophile Reading of Book I of Plato's <i>Laws</i>) João Diogo Loureiro	45
A ACADEMIA COMO COMUNIDADE EM PLATÃO (The Academy as community in Plato) “Alexandre Franco de Sá	59
ONDE ESTÁ PLATÃO? A ACADEMIA DE ATENAS NO TEMPO DE PLATÃO COMO LUGAR DE AUSÊNCIAS (Where is Plato? The Athens's Academy in Platos's time as a place of absences) Gabriele Cornelli	69
AS MUITAS VIDAS DE PLATÃO (The Many Lives of Plato) Katsuzo Koike	87
CINCO HIPÓTESES DO <i>PARMÉNIDES</i> DE PLATÃO EM CINCO CARTAS DE PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA? ECOS DE UMA TRADIÇÃO EXEGÉTICA NEOPLATÓNICA (Five hypotheses of Plato's <i>Parmenides</i> in five letters of Pseudo-Dionysius the Areopagite? Echoes of a Neoplatonic exegetical tradition Tomás N. Castro	97
UMA LEITURA DISTÓPICA DA ENGENHARIA SOCIAL PLATÓNICA NA FILOSOFIA DOS DIREITOS HUMANOS (A Dystopic Reading of the Platonic Social Engineering in Philosophy of Human Rights) Miguel da Costa Paiva Régio de Almeida	109
ÉROS PLATÔNICO E TRÁGICO NO <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i> (Platonic and Tragic Eros in <i>Grande sertão: veredas</i>) Gilmário Guerreiro da Costa	125

e *definidor* da vida; todo o resto não passa de matéria-prima sobre a qual a virtude trabalhará, e ela deve produzir um resultado que é um todo bem organizado²⁷.

Outra associação bastante relevante nas *Leis* (I, 643a) é aquela entre *paideia* e a esfera divina. Para nós, fica claro que a verdadeira *paideia* aparece referida ao divino quando, por exemplo, o personagem O Ateniense afirma que “para vantagem da exposição, vejamos o que é educação, por ser esse o caminho que terá de seguir nosso estudo, a fim de chegarmos até ao deus do vinho – *theon apiketai*”. Mas, tal associação, não se distancia do fato de que a proposta de Platão, assim a concebemos, é a de que a *paideia* se constitui pelo *logos*, isto é, a condução da vida humana se dá pelo *logos*.

Recuperemos a nossa questão inicial, qual seja: a análise das práticas esportivas em Platão, representada pelo equilíbrio entre corpo e alma e objetivando o alcance da beleza e da excelência. Defenderemos que a qualidade de *agathos* virá com a *arete* completa, e não apenas com uma parte dela, e a ginástica será tão somente um aspecto da *paideia* global do cidadão, tutelada pela razão. Podemos dizer, na *República*, que o tipo humano ideal é o filósofo, cuja formação vislumbra ao conhecimento do bem. No programa de estudos capaz de propiciar-lhe este conhecimento, a ginástica, profilaxia da feiúra física e forma de preservação da saúde, não deve levar à configuração de corpos musculosos, mas vazios de razão, isto é, tipos pesados e embrutecidos²⁸. Na *República* (III, 410d) fica bem nítido que “os que praticam exclusivamente a ginástica acabam por ficar mais grosseiros do que convém, e os que se dedicam apenas a música tornam-se mais moles do que lhes ficam bem”. E a *polis*, conforme sabemos, prima pelo equilíbrio e pela justa-medida, inclusive nos corpos rígidos dos seus cidadãos. Cabe aos atletas, almejarem corpos bem constituídos e atingirem a beleza dos gestos.

Discutindo mais especificamente a questão da música, Platão, nas *Leis* (II, 655b), destaca que “são belos todos os gestos próprios para dar expressão à virtude – *arete* – da alma – *psyche* – ou à do corpo – *soma* – ou a qualquer de suas imagens, e precisamente o contrário disso as que dão expressão ao vício”. Na *República* (III, 401d), a educação pela música é exaltada porque propicia à alma o ritmo e a harmonia. Certamente a ideia da beleza dos gestos como virtude da alma se adéqua também à ginástica. Da mesma forma que a prática esportiva está aliada à música no condizente ao ritmo e à harmonia dos movimentos corporais.

Elencando algumas espécies de bens, Platão, também na *República* (II, 357c) ressalta como a terceira espécie a ginástica e o tratamento das doenças. Na mesma obra (III, 404a) há uma discussão acerca de uma dieta apurada para os atletas guerreiros, “...que têm que estar sempre vigilantes, como cães, e porque precisam de ver e ouvir com toda acuidade...”.

²⁷ Annas 2012: 63.

²⁸ Barros 1996: 37 e 39.

No que diz respeito à formação do cidadão mais especificamente, Platão, nas *Leis*, prescreve a ginástica educativa, enfatizando exercícios que, voltados para a guerra, garantem a defesa da *polis*. É bastante evidente que a *politeia* das *Leis* é a única capaz de combinar a *paideia* e os jogos militares – *paidian polemiken*. Quanto às competições de ginástica – *agonon ton gymnikon* –, não será oportuno lembrar que é preciso praticar todas as que preparam para a guerra – *polemon*²⁹. O filósofo afirma ainda que a “ginástica conveniente é simples, e acima de tudo a dos guerreiros”³⁰. Inclusive, as mulheres também não devem descuidar-se dos exercícios da guerra³¹.

Vale enfatizar que mais do que objetivos militares, o ideal de uma excelência atlética expressava o sistema de valores essencialmente competitivo dos helenos³². O espírito agonístico é, segundo Mark Golden, uma característica bastante presente na sociedade grega³³. Diferente dos combates guerreiros, a violência e a rivalidade aparecem dentro do esporte sob a forma de jogos, concursos, competições mais ou menos ritualizadas³⁴. Platão enfatiza que “importa, pois, encher a vida com certa espécie de jogos: sacrifícios, cantos, danças para podermos obter da parte dos deuses a graça de repelir os inimigos e alcançar a vitória nos combates”³⁵.

Quanto às modalidades esportivas, nos livros da *República* aos quais nos dedicamos, não há uma enumeração. Fala-se em ginástica de forma mais genérica. Dentre as várias passagens, podemos citar: “... a ginástica para o corpo e a música para a alma? (II, 376e); “Pois é isso que dizia, que se deve começar pela música, antes da ginástica (II, 377a); “Depois da música, é na ginástica que se devem educar os jovens” (II, 403c). Já nas *Leis* percebemos a menção à modalidades esportivas específicas, como o pancrácio – tida entre os helenos como a modalidade esportiva mais violenta, conjugando pugilato e luta –, a corrida, a luta, o pugilato e o hipismo, a mais aristocrática das modalidades.

Apesar da menção às modalidades não hípicas serem mais frequentes e concebidas por vários especialistas como sendo mais democráticas, pois permitiriam um acesso maior e mais diversificado às suas práticas, não percebemos a menção ao discóbolo, o ícone da democracia ateniense, tanto pelo círculo representado pelo próprio disco, quanto pelos movimentos circulares do seu corpo. Defendemos em trabalho anterior que a *polis* e a forma de governo democrática se sintetizam nas formas circulares e/ou semi-circulares, como o teatro e a *pnux*,

²⁹ Platão *Leis*. VIII, 832d-e.

³⁰ Platão *A República*. III, 404b.

³¹ Platão *Leis*. VII, 814c.

³² Jones 1997: 77.

³³ Golden 1998: 28.

³⁴ Vanoyeke 1992: 15.

³⁵ Platão. *Leis*. VII, 803c.

por exemplo. O círculo é a forma geométrica que possibilita a concretização da ação pública do cidadão³⁶. O próprio Platão, na *República* (IV, 424a), afirma que “... a república, uma vez que esteja bem lançada, irá alargando como um círculo”.

A prática da ginástica e a música apareciam constantemente associadas, isto porque “eram ingredientes reconhecidos pela *polis* para a formação do cidadão como modelo de homem”³⁷. Platão associa a música ao benefício da alma e a ginástica ao corpo, subdividindo esta última em dança e luta³⁸, enfatizando que “a simplicidade na música gera a temperança na alma, e a ginástica, a saúde no corpo”³⁹. Giovanni Reale chama a atenção para o fato de que Platão parece ter mais estima pela ginástica como cura do corpo do que pela medicina⁴⁰. Aristóteles, além de enfatizar a importância do aprendizado da música na formação do cidadão, chama a atenção para o fato de que este estudo “... não deve constituir um obstáculo às atividades subsequentes, nem amesquinhar o corpo ou inutilizá-lo para as ocupações marciais e cívicas do cidadão, ...”⁴¹.

A ginástica, que entre os helenos era um verdadeiro sistema de educação⁴², era entendida sempre como uma prática que contribuía para a *andreia* do cidadão⁴³. Conforme atesta Maurice Sartre, o esporte em geral e a participação nas competições – *agones* –, em particular, oferecem uma oportunidade dos homens manifestarem uma forma menos guerreira de *andreia*, evidenciando a beleza dos corpos nus masculinos e as qualidades éticas do vencedor⁴⁴. O desejo de vitória aliado à temperança conferia energia à alma dos atletas. Em prol desse objetivo, Platão, nas *Leis* (VIII, 840a), menciona, usando o exemplo de Icos de Tarento, atleta vencedor nos jogos em Olímpia, o comportamento adotado pelo atleta, que implicava na abstinência de relações com mulheres e adolescentes.

Assim como os concursos musicais, as competições de ginástica funcionavam também como demonstração, perante os cidadãos adultos, das capacidades adquiridas pelos jovens. No plano das idealizações, nos jogos os concorrentes poderiam pertencer a todos os grupos sociais; já na prática, sabemos que o desporto não se constituía de fato em um componente habitual das atividades de todos os jovens⁴⁵. Neste aspecto, convém destacarmos que a participação nos jogos pressupunha, tanto na *polis* das *Leis* (VIII, 833c) quanto nas *poleis* concretas, a competição entre indivíduos de um mesmo grupo etário, isto é, meninos,

³⁶ Lessa 2005: 65.

³⁷ Cambiano 1994: 93; Lessa 2002: 51.

³⁸ Platão *Leis*. VII, 795 d-e.

³⁹ Platão *A República*. III, 405a.

⁴⁰ Reale 2002: 194.

⁴¹ Aristóteles *Política*. VIII, 1341 a, 6-9.

⁴² Coulet 1996: 80.

⁴³ Aristóteles *Política*. VIII, 1337 b, 28

⁴⁴ Sartre 2013: 46.

⁴⁵ Cambiano 1994: 89.

jovens imberbes e homens adultos, além da *skole*, o tempo livre para se dedicarem aos treinos físicos. Vale destacar que estamos refletindo acerca de práticas que se restringiam a um grupo específico da *polis*: os *kaloí kagathoi*.

Para Platão, assim como também para Aristóteles, a *polis* deve reservar uma atenção especial para a questão da formação física de seus cidadãos, que se inicia na infância⁴⁶, até porque acredita-se que os jovens e as crianças possuem alma plasmável; ou seja, é na infância que se deve imprimir o modelo que se deseja⁴⁷. Se referindo ao mundo contemporâneo, o antropólogo social José Carlos Rodrigues observa que “... uma sociedade não pode sobreviver sem fixar no físico de suas crianças algumas similitudes essenciais que as identifiquem e possibilitem a comunicação entre elas”⁴⁸. Certamente tal observação também é válida para o mundo antigo grego. Neste sentido, Aristóteles na *Política* (VIII, 1337a, 1-4) argumenta tal necessidade afirmando que a negligência das *poleis* a respeito da *paideia* é nociva aos governos – *tas politeias*. O que implica em reafirmar que as *poleis* não devem, segundo Platão, ignorar a importância dos jogos no âmbito da legislação, até mesmo porque as competições apresentam vantagens tanto na paz quanto na guerra⁴⁹. Elas, acima de tudo, proporcionam a coesão do corpo cívico, devendo ser organizadas levando-se em consideração a conveniência das próprias divindades, pois trata-se de um festival também religioso, e as estações do ano⁵⁰.

Ao falarmos de corpo cívico, convém nos indagarmos acerca de que tipo de cidadãos se pretende formar na *polis* das *Leis* (VIII, 830a). O filósofo enfatiza que: “Atletas – *athletas* –, porventura, para as grandes competições – *megiston agonon* –, capazes de enfrentar milhares de antagonistas”. Com vistas à instrução dos cidadãos, Platão menciona, nas *Leis* (VI, 764c-d), a necessidade de se instituir os inspetores de música e de ginástica, o *paidotribes*. Tanto nas *Leis* quanto na *República*, o adulto é parte fundamental no processo de consolidação da *paideia*, pois o *logos* depende da atuação do educador ou dos pais para a sua transmissão. Luisa Buarque de Holanda concebe o adulto como parte ativa da relação pedagógica, pois caberá a ele *imprimir o molde* na criança⁵¹. Podemos sintetizar a questão afirmando que o objetivo da *paideia* em Platão consiste em conduzir a criança ao conhecimento do bem em si mesmo⁵².

E o atleta-cidadão é essencialmente ágil, o que é útil tanto para as práticas esportivas quanto para as militares. A preocupação com a importância da agilidade esteve pautada nos diálogos que compõem as *Leis*. O personagem O

⁴⁶ Platão *A República*. III, 403c.

⁴⁷ Holanda 2013: 69.

⁴⁸ Rodrigues 1975: 45.

⁴⁹ Platão *Leis*. VII, 796d, 797a-b.

⁵⁰ Platão *Leis*. VIII, 828c.

⁵¹ Holanda 2013: 70. Ver: Jaeger 2001: 1318.

⁵² Wood 2011: 103.

Ateniense destaca que, de início, será vantajoso organizar as competições de carreira e de velocidade, afirmando que (VIII, 832e-833a):

“Sem dúvida alguma, a agilidade é o que há de mais vantajoso para a guerra, tanto a dos pés como a das mãos; a dos pés, para fugir ou para alcançar alguém; a outra, nos combates corpo a corpo, em que exige força e resistência.”

A ênfase na agilidade dos pés e das mãos, no âmbito da ginástica, revela um direcionamento para as modalidades: da corrida, com ou sem armas⁵³, que requer agilidade dos pés; da luta⁵⁴, do pancrácio e do pugilato⁵⁵ que exigem uma maior agilidade das mãos.

É inegável que o que sobressai na *República* e nas *Leis* de Platão é a discussão dialética sobre a *paideia* grega, intermediada pelo *logos* e permeada pela relação intrínseca entre corpo e alma. E neste aspecto as práticas esportivas adquirem um espaço considerável nas suas reflexões acerca das suas propostas de Estado, que ressaltamos se identifica com a aristocracia. O filósofo ateniense apresenta a alma como uma natureza intermediária, entre o sensível e o inteligível, participando da primeira pelo corpo e da segunda pela razão⁵⁶, sendo muitas vezes concebida como superior ao corpo e como o seu princípio organizador⁵⁷.

As práticas esportivas associadas à música almejam a justa-medida e a harmonia entre o corpo e a alma, expressando a própria dinâmica da *polis*. Nada mais propício do que concluirmos com a própria fala de Platão acerca desta questão: “As pessoas mais temperáveis e seguras são as que mantêm a justa-medida; pois se com aquelas qualidades a alma se torna vaidosa e petulante, com as outras fica servil e baixa”⁵⁸. E à *polis* não interessa cidadãos frágeis e subservientes; mas aqueles que pelo *logos* interajam com o conjunto da *koinonia politike*, a mantendo coesa na sua diversidade. E a *paideia* adquire nos discursos platônicos o caráter norteador da própria ideia de vida em comunidade.

⁵³ Ver: Platão. *Leis*. VIII, 833a-b.

⁵⁴ A luta que deve ser praticada pelo menos uma vez por mês em cada *polis* e se constitui no movimento que mais se aproxima dos verificados nos combates sangrentos (Platão. *Leis*. VII, 814c; VIII, 829b).

⁵⁵ Modalidade que, por sua técnica, não apresenta utilidade para a guerra (Platão. *Leis*. VII, 796a).

⁵⁶ Chauí 2002: 291.

⁵⁷ Annas 2012: 80.

⁵⁸ Platão *Leis*. V, 728e.

SEJA RESPONSÁVEL: BEBA COM MODERAÇÃO
LEITURAS X-ENÓFILAS DO LIVRO I DAS *LEIS* DE PLATÃO
(Be responsible: drink in moderation. A x-enophile reading of book I of
Plato's *Λaws*.)

JOÃO DIOGO R.P.G. LOUREIRO (loureiro.joaodiogo@gmail.com)
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra¹

RESUMO – Procedemos aqui a uma releitura do Livro I das *Leis* de Platão centrados no peso que tem para o curso do argumento filosófico a diferença de nacionalidades dos interlocutores. Este pormenor é, acreditamos, sobremaneira relevante, num diálogo sob o signo da mobilidade: não só o personagem principal nos é apresentado como um estrangeiro, simplesmente, cujo nome não é revelado (em que se traduz o ele vir de longe?), como a acção decorre fora de Atenas, cenário partilhado por todas as demais obras do *corpus*. Considerar atentamente as implicações dramáticas – e, portanto, filosóficas, como sublinham Leo Strauss e os seus discípulos, que nos inspiram – da proveniência diversa dos personagens, levar a sério o choque de culturas em cena, permite elucidar alguns pontos problemáticos do argumento, nomeadamente no que diz respeito à questão da unidade da virtude (mais em concreto, à dinâmica entre coragem e moderação), mas não só. Tal abordagem realça ainda a dimensão encarnada da filosofia platónica, tantas vezes insuficientemente valorizada.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, *Leis*, Estrangeiro Ateniense, mobilidade, choque de culturas, unidade da virtude

ABSTRACT – We propose here a rereading of Book I of Plato's *Laws*, focused on how the course of the argument is influenced by the different nationalities of the speakers. We believe this feature is strongly relevant in a dialogue defined by mobility: the main character is a stranger whose name we do not know (what consequences has his foreign origin?) and the action is set outside Athens, the background of all other works in the *corpus*. An attentive consideration of the dramatic – and hence philosophical, as Leo Strauss and his disciples, who we follow, stress – implications of the different nationalities of the characters, one that takes the culture clash between them seriously, actually illuminates some problematic junctures in the argument, e.g. the vexed question of the unity of virtue (in particular, the interplay between courage and moderation). This outlook underlines how Platonic philosophy is an *embodied* philosophy, a point often undervalued.

KEYWORDS: Plato, *Laws*, Athenian Stranger, mobility, culture clash, unity of virtue

¹ Agradecemos à Fundação para a Ciência e Tecnologia, entidade financiadora do nosso projecto de doutoramento, no âmbito do qual desenvolvemos a pesquisa que permitiu a elaboração do presente trabalho [Bolsa SFRH/BD/93356/2013].

É verdade que os geógrafos, os arqueólogos, nos conduzem à ilha de Calipso, é verdade que exumam o palácio de Minos. Mas Calipso não passa de uma mulher, Minos não passa de um rei sem nada de divino.

Marcel Proust (2003), *Em busca do tempo perdido. Vol. II: À sombra das raparigas em flor*. Relógio d'Água, Lisboa: 532. Trad.: Pedro Tamen.

POETAS À LAREIRA DO LOGOS

As *Leis* arrancam de forma algo abrupta. Mergulhamos numa conversa já em curso, como o prova o facto de o Ateniense, mais à frente [629c3], se referir a Clíneas pelo nome, sem que este lhe tenha sido revelado pelo Cretense em ponto algum anterior do diálogo tal qual Platão no-lo apresenta. O aparecimento tardio do onomástico reflecte uma tendência geral para privilegiar o vocativo *xene* aos nomes próprios dos personagens. Há uma vontade de sublinhar as diferentes nacionalidades dos interlocutores, de sensibilizar o leitor para essa opção dramática, cuja importância para o argumento se deixa assim adivinhar.

O Estrangeiro interroga os seus companheiros acerca da natureza do autor das leis das suas cidades [cf. 645b6-7]. Clíneas afirma, mas não sem qualificação, a origem divina da legislação cretense e espartana, a primeira dada por Zeus, a segunda por Apolo. Dado o laconismo de Megilo, mas também por as leis de Esparta serem derivadas das de Creta (como Apolo é filho de Zeus), o Ateniense centra-se no regime da ilha e procura saber se os locais confirmam o que Homero narra: que Minos se reunia com o seu pai a cada nove anos, recebendo do deus ajuda na elaboração das leis [cf. *Od.* 19.178-9]. O sentido dos versos a que alude não é de todo claro e o Estrangeiro cala outra interpretação do passo, provavelmente de origem ateniense [*Min.* 320d8-321b1], segundo a qual Minos e Zeus se encontrariam para “tomar um copo” [*Min.* 319e5-6]. Não devemos perder de mente esta leitura alternativa, num Livro que culmina, precisamente, numa vindicação dos *symposia*. Clíneas, apesar de corroborar a exegese dada, não terá, muito possivelmente, identificado os versos a que o Estrangeiro se referia ao falar de Homero. Ele admitirá mais tarde conhecer pouco da produção do poeta, e apenas parcelarmente [680c2-5]. O Espartano, mais familiarizado com a obra homérica, afirmará, em resposta a essa confissão, a excelência do aedo, mas acrescenta que a vida que este retrata é mais do tipo iónico que lacónio [680c6-d1]. A convocação de Homero logo no começo do diálogo pode, pois, ser interpretada como um indício daquilo a que o Estrangeiro se propõe: a revisão crítica de todo o regime dório à luz da cultura iónica, viz. ateniense, que enforma muitas das suas propostas.²

A referência homérica, que deveria validar a tradição, serve, na realidade, para desconstruir a propaganda cretense: a legislação da ilha é atribuída a Minos

² Cf. Morrow 1960: 76 e 92, e Friedländer 1969: 398.

e não a Zeus directamente. Há, entre o deus e os homens, um intermediário. Os três velhos, nas vésperas do solstício de Verão [683c4-5], reconstituem o trajecto que este seguia até à gruta do pai, de Cnossos ao sopé do Ida, distância geográfica que traduz o intervalo entre a cidade e a Ideia, se podemos convocar aqui um termo praticamente ausente do diálogo (ocorre apenas em 965c2) para a realidade de que o oráculo de Zeus [*phemas*: 624b2] é imagem poética. À luz da *República*, porém, o percurso dos personagens será de ler no sentido exactamente inverso: o filósofo regressa à caverna, movimento aqui ilustrado literalmente.³ As *Leis* são um exercício de *encarnação* – conceito axial em Platão – da “cidade em pensamento” [*Rep.* 369c9] do diálogo anterior. Qualquer pólis existente não pode senão *participar* de – o que preclui a identidade com – a Ideia aí investigada. As diferenças registadas entre os projectos políticos da *República* e das *Leis* devem ser assacadas a esse limite estrutural e não a um qualquer abandono do primeiro por Platão, como alguns⁴ supõem. É o facto de a Ideia requerer uma mediação para que se faça carne que torna o mediador uma figura tão central mas também o seu trabalho discutível (quão feliz foi na concretização da tarefa?), de onde a significância do verso homérico que permite ao Estrangeiro introduzir Minos no debate, preparando-nos para a análise do mérito da obra legal deste à luz do que a razão revelar sobre o bem da cidade.

A legislação minóica acaba por sair de tal exame profundamente abalada na sua pretensão à excelência. Clínius, indagado pelo Ateniense acerca de alguns dos costumes mais famosos de Creta, justifica-os em função da guerra não-declarada que, mesmo nos tempos ditos de paz, opõe sem cessar as cidades umas às outras. Toda a legislação a tem em vista, *na sua opinião*.⁵ Tal ideia poderá ter ocorrido a Clínius ao considerar a natureza insular de Creta,⁶ que a destinava ao império [*Arist. Pol.* 1271b32-3]: na Atenas do século V a.C. – que imitara a talassocracia minóica no seu pior, segundo o Estrangeiro [705c10 ss.] –, acreditava-se que só o carácter continental da cidade se opunha à perfeição do seu poder [*Ps.-X. Ath.* 2.14; *Th.* 1.143.5]. Clínius, ao explicar os usos cretenses, começara precisamente por apelar para a geografia da ilha, cujo terreno obrigara o legislador a favorecer as armas ligeiras. Também o Ateniense, convidado a

³ Cf. Pangle 1988: 381-2.

⁴ E.g. Colli 2007: 115 ss.

⁵ Cf. Pangle 1988: 382.

⁶ O que se segue é uma tentativa de fundar o resumo de Strauss do passo das *Leis* aqui em discussão: “According to Kleinias the Cretan legislator has established all Cretan institutions with a view to war, while considering of course the nature of the land” [1975: 4]. Strauss, sempre tão cuidadoso, deve ter tido algo em mente para omitir que Clínius só desenvolve explicitamente a ligação entre instituições locais e o terreno da ilha a propósito das armas usadas pelos cretenses. O seu comentário, de modo geral, dá grande importância à relação entre natureza e lei [e.g. 8]. Devemos interpretar o seu denso sumário da posição de Clínius à luz dessa preocupação que o conduz na leitura do texto?

ao mesmo tempo em que revela alguma desvantagem, por assim dizer, ligada a estes debates públicos, nos entrega um retrato em cores muito vivas de como deviam funcionar estes debates no interior da Academia:

- E quanto a Platão, Espeusipo e Menedemo? De que se ocupavam? Qual reflexão, qual discurso era o objeto da investigação deles? Por favor, se sabe algo sobre isso, sabiamente me diga, pela Terra...

- Sei muito bem o que dizer deles: vi de fato nas Panateneias o grupo daqueles jovens... nos parques da Academia prestando atenção a discursos indizíveis, de tão absurdos que eram. Dando definições sobre a natureza, separavam os animais das plantas, e as espécies dos vegetais. Entre estes últimos examinaram a abóbora, se perguntando de que gênero esta seria.

- E qual foi a definição à qual chegaram do gênero desta planta? Se você sabe, pode me dizer?

- No início, estando completamente em silêncio, ficaram todos concentrados e curvados, e refletiram por muito tempo. Em seguida, improvisamente, um deles disse que seria um vegetal redondo, outro uma verdura, outro ainda uma árvore. Ouvindo isso um médico siciliano se revoltou contra eles, dizendo que estavam delirando...

- Eles ficaram bravos por conta da derrisão e o repreenderam? De fato, é impróprio se portar desta forma numa reunião.

- Eles não pareceram terem ficado muito incomodados. Platão, por sua vez, que estava presente, docemente os fez retomar desde o início o exame da abóbora, para definirem seu gênero. Desta forma, eles prosseguiram com a divisão.⁴⁴

A referência ao trabalho da *diairesis*, ao qual eram submetidos os jovens acadêmicos, é certamente de grande interesse historiográfico, pois nos permite vislumbrar ao mesmo tempo a didática e os conteúdos das discussões que deviam

⁴⁴ Athenaeum, *Deipnosoph.* II, 54, 3-40. Orig.: τί Πλάτων καὶ Σπεύσιππος καὶ Μενέδημος; πρὸς τίσι νυνὶ διατρίβουσιν; ποία φροντίς, ποῖος δὲ λόγος διερευνᾶται παρὰ τούτοις τάδε μοι πινυτῶς, εἴ τι κατειδῶς ἦκεις, λέξον, πρὸς Γᾶς {B.} ἀλλ' οἶδα λέγειν περὶ τῶνδε σαφῶς. Παναθηναίοις γὰρ ἰδὼν ἀγέλην μεираκίων . . . ἐν γυμνασίοις Ἀκαδημείας ἤκουσα λόγων ἀφάτων, ἀτόπων. περὶ γὰρ φύσεως ἀφορίζομενοι διεχώριζον ζῶων τε βίον δένδρων τε φύσιν λαχάνων τε γένη. κατ' ἐν τούτοις τὴν κολοκύντην ἐξήταζον τίνοσ ἐστὶ γένους.

{A.} καὶ τί ποτ' ἄρ' ὠρίσαντο καὶ τίνοσ γένους εἶναι τὸ φυτόν; δήλωσον, εἰ κάποισθᾶ τι. {B.} πρῶτίστα μὲν <οὐν> πάντες ἀναυδοὶ τότε' ἐπέστησαν καὶ κύψαντες χρόνον οὐκ ὀλίγον διεφρόντιζον. κατ' ἐξαίφνης, ἔτι κυπτόντων καὶ ζητούντων τῶν μεираκίων, λάχανόν τις ἔφη στρογγύλον εἶναι, ποίαν δ' ἄλλοσ, δένδρον δ' ἕτεροσ. ταῦτα δ' ἀκούων ἰατρός τις Σικελᾶσ ἀπὸ γᾶσ κατέπαρδ' αὐτῶν ὡσ ληρούντων. {A.} ἦ που δεινῶσ ὠργίσθησαν χλευάζεσθαί τ' ἐβόησαν; τὸ γὰρ ἐν λέσχαισ [ταῖσδε] τοιαῦτα ποιεῖν ἀπρεπέσ

{B.} οὐδ' ἐμέλησεν τοῖσ μεираκίοισ. ὁ Πλάτων δὲ παρῶν καὶ μάλα πρᾶωσ, οὐδὲν ὀρινθείσ, ἐπέταξ' αὐτοῖσ πάλιν <ἐξ ἀρχῆσ τὴν κολοκύντην> ἀφορίζεσθαί τίνοσ ἐστὶ γένους. οἱ δὲ διήρουν.

acontecer no interior da Academia. Ainda que pelo revés do tecido, representado aqui pela tradição cômica de Equócrates. A imagem dos acadêmicos aplicados nos estudos da natureza por meio do método diairético, normalmente utilizado para o mundo da dialética, remete imediatamente ao paralelo testemunho cômico das *Nuvens* de Aristófanes, desta vez dirigido à escola de Sócrates. E traz, é claro, os mesmos problemas interpretativos que este último já acarretava.⁴⁵ O testemunho provavelmente mais fidedigno de como estes debates dialéticos deviam ser travados no interior da Academia pode ser procurado nos oito livros dos *Tópicos* de Aristóteles (e nas *Refutações Sofísticas*, apêndice destes). Considerados pela grande maioria dos comentadores como escritos juvenis, devem com toda probabilidade ser inspirados pela prática da dialética acadêmica, ainda que Aristóteles afirme no final das *Refutações* que teria inventado a *techne* do zero (*ouden pantelós hyperchen* -183b36).⁴⁶ Com relação à *diáiresis* propriamente dita, isto é, ao sistema das divisões, ainda que delineada em suas formas básicas já no *Fédro* (265d e ss.), não parece haver de fato no corpus platônico um sistema tão bem estruturado como aquele das *Categorias* de Aristóteles. Platão teria utilizado – segundo Hermodoro – categorias mais rudimentares, por assim dizer, como aquelas de absoluto (*kath' auton*) e relativo (*pros heterá*), e suas sucessivas divisões.⁴⁷

O que mais interessa na economia de nossa procura por Platão na Academia, todavia, é o incidente da exclamação do médico siciliano, que constitui um sinal de que os trabalhos da Academia deviam ser a tal ponto públicos que podiam ser de fato submetidos à incompreensão e à ridicularização dos transeuntes.⁴⁸

A mesma publicidade seria implícita também numa outra celebre tradição: a da *Lição sobre o Bem* de Platão. Desta lição nos fala Aristoxeno, citando uma história frequentemente narrada por Aristóteles, em seus *Elementos Harmônicos* (II, 30-31). Aristóteles censurava Platão, na ocasião, por este não haver anunciado antes da lição qual seria o esquema geral (a ementa) da mesma e creditava a esta *falha de metodologia didática* de Platão o insucesso da Lição:

"É certamente a coisa melhor iniciar indicando a natureza da investigação, e o que ela envolve, de maneira que com esta visão inicial podemos proceder mais facilmente pelo percurso escolhido, e nos darmos conta a que altura

⁴⁵ Jaeger (1923: 16-18) e Düring (1957: 335) parecem considerar o testemunho do cômico contemporâneo de Espeusipo digno de confiança, enquanto Cherniss (1945: 63) e Tarán (1978: 220-1) levantam sérias dúvidas sobre a relevância do mesmo. O segundo levanta especialmente algumas suspeitas com relação ao fato de testemunho estar imitando o passo paralelo das *Nuvens* de Aristófanes (191ss). Convencem, de maneira especial, as considerações mais gerais sobre os testemunhos cômicos relativos à filosofia de Platão de Düring (1957: 335s).

⁴⁶ Se vejam os argumentos neste sentido trazido por Dillon (2003: 10ss).

⁴⁷ Cf. Dillon 2003: 21.

⁴⁸ Sobre a identidade do médico siciliano se vejam as observações de Isnardi-Parente (1980, Test. 48, Commento).

teremos chegado nela, sem correremos o risco de nos decepcionarmos em seguida. Como o próprio Aristóteles costumava contar, era exatamente isso que aconteceu à maioria das pessoas que ouviu a lição sobre o Bem de Platão. Cada um veio de fato com a expectativa de aprender algo sobre as coisas que são geralmente consideradas boas para os seres humanos, como a saúde, a força física, e em geral algo como uma felicidade maravilhosa. Mas quando vieram as demonstrações matemáticas, incluindo os números, as figuras geométricas e a astronomia, e no final a afirmação de que *o Bem é Um*, isso deve ter-lhes parecido, posso muito bem imaginar, completamente surpreendente e estranho. Assim enquanto alguns deram pouca atenção aos argumentos, outros os rejeitaram abertamente.⁴⁹

O testemunho de Aristoxeno, quase contemporâneo à lição, é certamente uma das peças centrais que contribuem para a composição daquele que Cherniss bem definiu o *riddle*, o enigma da primeira Academia.⁵⁰ Por que razão Platão teria dedicado uma lição tão técnica, se não esotérica, a um público tão vasto e ordinário, que teve compreensíveis dificuldades para compreender os fundamentos ontológicos da ética platônica? Todos os comentadores contemporâneos sem exceção, a partir de Guthrie (1978, 244), revelam certo desamparo hermenêutico frente a este testemunho de uma única lição, e que Platão teria ministrado não “no interior da Academia”, mas para a multidão.⁵¹ Por um lado, os comentadores levantam um questionamento óbvio: como é possível que em quarenta anos de Platão na direção da Academia, a tradição lembre somente de uma única lição, e ainda por cima pública?⁵² Parte da crítica, não resistindo ao desamparo, procurou solucionar o problema de maneira analógica: assim Platão teria certamente ministrado outras lições, exatamente como fez o mesmo Aristóteles. Burnet e Taylor conhecem certamente algumas fontes secretas (e jamais reveladas), pois delas deriva que Platão costumava

⁴⁹ Aristox. *Elementa Harmonica* II, 30-31. Orig.: Βέλτιον ἴσως ἐστὶ τὸ προδιελθεῖν τὸν τρόπον τῆς πραγματείας τί ποτ' ἐστίν, ἵνα προγιγνώσκοντες ὥσπερ ὁδὸν ἢ βαδιστέον ῥάδιον πορευόμεθα εἰδότες τε κατὰ τί μέρος ἐσμὲν αὐτῆς καὶ μὴ λάθωμεν ἡμᾶς αὐτοὺς παρῦπολαμβάνοντες τὸ πρᾶγμα. καθάπερ Ἀριστοτέλης αἰεὶ διηγείτο τοὺς πλείστους τῶν ἀκουσάντων παρὰ Πλάτωνος τὴν περὶ τὰ γαθοῦ ἀκρόασιν παθεῖν· προσίεναι μὲν γὰρ ἕκαστον ὑπολαμβάνοντα λήψεσθαί τι τῶν νομιζομένων τούτων ἀνθρωπίνων ἀγαθῶν οἷον πλοῦτον, ὑγίειαν, ἰσχύν, τὸ ὅλον εὐδαιμονίαν τινὰ θαυμαστήν· ὅτε δὲ φανεῖησαν οἱ λόγοι περὶ μαθημάτων καὶ ἀριθμῶν καὶ γεωμετρίας καὶ ἀστρολογίας καὶ τὸ πέρασ ὅτι ἀγαθὸν ἐστὶν ἔν, παντελῶς οἶμαι παράδοξόν τι ἐφαίνετο αὐτοῖς, εἶθ' οἱ μὲν ὑποκατεφρόνουσιν τοῦ πράγματος, οἱ δὲ κατεμέφοντο. Consultei prevalentemente a tradução inglesa de Gaiser (1980), que sigo em alguns pontos.

⁵⁰ Cf. Cherniss 1945.

⁵¹ Cf. Geiser 1980: 6. Pela verdade, certo desamparo foi sentido mesmo pelos comentadores antigos. É o caso de Alcinoos, que a nega, por percebe-la de certa maneira como ultrajante para o mestre Platão (Isnardi-Parente, 1996, 399).

⁵² Cf. Cherniss 1945: 2.

ensinar sem qualquer anotação em suas mãos: de cabeça, portanto, por assim dizer.⁵³ Hubert parece, ao contrário, revelar a existência de um *hand-out*, ou melhor, de uma apostila, que Platão costumava entregar a seus discípulos para que a copiassem.⁵⁴ De uma única lição sobre o Bem, portanto, a tradição se expande *motu proprio*: as lições se tornam muitas e, precisamente, ministradas mais para o final da vida de Platão.⁵⁵ Kraemer se utiliza amplamente de Ross, assim como toda a escola de Tuebingen, para dar os primeiros passos na construção de sua escola hermenêutica.⁵⁶ Todavia, discorda dele quanto à limitação daquelas que já haviam virado *lições* sobre o bem – e não mais uma lição, portanto – à velhice de Platão. Kraemer vê no conteúdo da lição uma clara referência aos dois princípios da célebre página aristotélica de *Metafísica* A 6, dos quais todo o ser derivaria, e afirma tratar-se da verdadeira filosofia professada por Platão desde o início da Academia.⁵⁷

A polêmica sobre a lição de Platão não deve surpreender. De fato, a simples existência desta única lição oral é problemática, pois joga uma luz toda especial nas centenas e centenas de páginas escritas por Platão, levantando uma suspeita com relação ao “valor” dos escritos de Platão quando comparados com as assim-chamadas doutrinas não-escritas. É evidente já desde Burnet que o verdadeiro problema aqui é a embaraçante descontinuidade entre o que Platão teria escrito e o que Aristóteles recorda das teorias do mestre.⁵⁸ Mas não será possível aqui, é claro, entrar nesta polêmica que dividiu, por vezes de forma violenta, a *scholarship* platônica desde a última metade do século passado, de maneira especial após o surgimento do novo paradigma representado pela escola de Tuebingen-Milão.⁵⁹

Uma nota final, e ainda necessária, todavia, concerne o conteúdo desta lição sobre o Bem, que de toda forma condiz com a tradição pela qual na porta da Academia haveria uma inscrição: ἄγεωμέτρητος μηδεὶς εἰσίτω, quem não for *geômetra não entre*, a sublinhar a marcada tendência matematizante da primeira Academia. A inscrição, que tem uma grande fortuna na história do pensamento (citada por Flaubert e por Goethe, por exemplo), é de fato uma lenda de época alexandrina, mas que pode provavelmente se referir a alguma tradição ainda mais antiga, pois parece traduzir bem uma concepção autenticamente platônica, aquela da geometria como propedêutica à filosofia.⁶⁰

⁵³ Cf. Burnet 1914: I 222 e Taylor 1927: 503.

⁵⁴ Cf. Hubert 1914: 260.

⁵⁵ Cf. Ross 1951: 148-9.

⁵⁶ Cf. Kraemer 1959.

⁵⁷ Cf. Kraemer 1964.

⁵⁸ Cf. Vogel 1986: 12ss.

⁵⁹ Veja-se, para um recente panorama da Escola de Tuebingen, o equilibradíssimo artigo de Ferrari (2012).

⁶⁰ Cf. Saffrey 1968: 68.

As inscrições nas entradas de templos (e mesmo de palácios) eram relativamente comuns no mundo antigo.⁶¹ O sentido da inscrição, pela verdade, pode ser mais precisamente platônico, como sugeriria o comentário à mesma feito pelo orador Elio Aristides, que indica uma correspondência do termo a *ageometretos* com *anísos* ou *ádikos*, pois a geometria – como entendida por Platão – é baseada na igualdade e na justiça. Sendo estas últimas temas centrais da filosofia platônica, obviamente. João Tzetzets seguirá mais tarde a mesma leitura.⁶²

O QUE PLATÃO ENSINAVA NA ACADEMIA?

Não somente a matemática (ou de um modelo de conhecimento dos primeiros princípios que desta dependeria) devia ter ocupado a Academia antiga. O *Timeu* e suas inflexões cosmológicas devem ter sido objeto de intensa reflexão na Academia, conforme é evidenciado pelos testemunhos dos primeiros acadêmicos, de maneira especial Espeusipo e Xenócrates. O diálogo parece (propositalmente?) deixar em aberto diversos problemas, neste sentido, como aquele do momento da geração do mundo a partir do sólidos, da relação destes últimos com a teoria das ideias, da identidade do Demiurgo (e dos outros deuses inferiores) ou da natureza do receptáculo, entre muitos outros.⁶³

O debate devia ser bastante intenso mesmo no campo da ética e da filosofia política também. Com relação à ética, por exemplo, diversos comentadores parecem reconhecer na passagem do *Filebo* 44b-d – em que é apresentada a posição ética dos inimigos de Filebo, pela qual o prazer seria simplesmente a cessação da dor – uma menção à ética de Espeusipo.⁶⁴ O imediato colaborador e sucessor de Platão na direção da Academia, portanto, teria expressado uma posição francamente anti-hedonista, bem distante, portanto, daquela platônica, que pareceria apontar mais para o bem como *meson*, como justo meio, como fará depois Aristóteles, entre os extremos dos prazer e da dor.⁶⁵

⁶¹ Cf. Riginos 1976: 140.

⁶² Cf. Riginos para as citações (1976, 139 n68). Sobre os usos da inscrição no interior da escola alexandrina vejam-se as considerações de Saffrey: “*Ces exemples nous montrent donc que les philosophes d’Alexandrie dans leurs Introductions ou leurs Commentaires, ont utilisé la légende de l’inscription, les uns pour prouver que Platon était dans la tradition pythagoricienne, les autres pour plaider la cause des mathématiques comme point de départ dans l’étude de la philosophie, et les derniers enfin pour exclure les mathématiques de la philosophie proprement dite*” (Saffrey 1968: 84).

⁶³ Cf. Dillon (2003: 25s) para uma tentativa de organização das respostas que os primeiros acadêmicos deram a estas (e outras) questões.

⁶⁴ Para as citações, cf. Tarán (1981: 79 n379) e Isnardi-Parente (1980: 12, n55). A posição de Tarán é todavia mais cética com relação à possível atribuição de teses anti-hedonistas a Espeusipo. Veja-se para uma mais ampla discussão sobre a ética platônica Krämer (1959: 177-181).

⁶⁵ A justiça, representada pela *tetraktys* pitagórica, que se tornará ao mesmo tempo um conceito ético e uma realidade metafísica, isto é algo que segura realidade em pé, para os primeiros acadêmicos. Todos eles de fato escreveram tratados *Sobre a Justiça* (Dillon 2003: 26).

Mas os interesses deviam ser mais amplos, provavelmente se estendendo para além dos atuais confins disciplinares da filosofia. Um exemplo é o acadêmico Eudoxo, cuja presença na Academia é atestada entre 364 e 361 a, e portanto quando Platão estava ainda vivo. Eudoxo desenvolveu interesses diversos, desde a matemática e à astronomia até a física e à medicina.⁶⁶

Certamente temas de lógica e de teoria do conhecimento deviam também ocupar os debates Acadêmicos. Vimos acima o fragmento de Equócrates sobre a *diairesis* da abóbora. Até que ponto este procedimento devia entrar em choque com a teoria das ideias, gerando assim infundáveis debates no interior da Academia, pode ser imaginado a partir das páginas 15a-16b do *Filebo*: o procedimento da divisão das ideias seria somente um instrumento lógico poderosíssimo ou teria algum tipo de relevância metafísica? Este é um debate que ainda hoje divide – e o marco desta divisão é frequentemente o próprio Canal da Mancha, analíticos e continentais – diversos platonistas contemporâneos.

CONCLUSÃO: A DUPLA AUSÊNCIA DE PLATÃO

Tomo as citações do *Filebo* acima como sinais de que os temas que eram debatidos no jardim de Akademos eram provavelmente os mesmos que Platão decidiu representar literariamente em seus diálogos. Os diálogos escritos de Platão e os diálogos orais na Academia quando lá estava Platão, portanto, parecem revelar inéditas consistências.

Uma delas, quizá a mais importante, é a ausência de Platão.

A mesma ausência de Platão dos diálogos, marca de sua própria autoria, emerge também nas exíguas e fragmentárias informações que pudemos recolher sobre a atividade da Academia no tempo do Mestre. Esta dupla ausência de Platão parece descrever bem uma estratégia que é tanto do Autor como do Mestre Platão. A ausência estratégica de Platão é a *conditio sine qua non* da existência de uma metodologia filosófica que chamamos até hoje de dialógica, ou dialética.⁶⁷

Ao mesmo tempo – esta é a tese que quis aqui defender – a ausência de Platão é a condição da existência da própria Academia: da ética à cosmologia, da lógica à teoria das ideias, portanto, há sinais concretos de um debate vivo, de uma Academia muito pouco doutrinária, muito pouco “escola”, no sentido que frequentemente damos ao termo no mundo acadêmico contemporâneo, quando

⁶⁶ Cf. DL VIII: 86-7.

⁶⁷ O impacto desta maneira de fazer filosofia permeia deste então toda a história da filosofia. O diálogo constitui quase que mitologicamente o lugar ideal do filósofo, tanto em termos de uma propedêutica à filosofia que se constrói pelo debate (desde a filosofia ensinada hoje para as crianças) como na própria formatação do texto filosófico, que mantém o debate como estratégia comunicativa, ainda que implícita, como no caso das revolucionárias *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein. Cf. para esta discussão Cavell (1999) e Carvalho (2007).

queremos indicar uma certa continuidade, quando não repetição, de posturas hermenêuticas consolidadas.⁶⁸

Assim, para finalmente respondermos à pergunta que nos pusemos no início deste *paper*, o melhor lugar onde encontrarmos o *ausente* Platão, portanto (e para nós hoje, absolutamente a única maneira possível) são ainda seus diálogos. Estes, pensados em sua própria pragmática como lugares públicos, abertos à leitura de todos, *exotéricos*, espelham literariamente a mesma *publicidade* do parque da Academia.

O parque e o texto, a Academia e os diálogos, portanto, revelam uma mesma modalidade de *presença* de Platão, que se quer de certa forma sempre *ausente*. Ele age a) individuando e delimitando um campo da pesquisa (verdade, justiça); b) desenhando a história e a geografia do problema, apresentando seus predecessores e posicionando-se com relação a seus rivais (pitagóricos, sofistas, mas também acadêmicos, como vimos no caso de Espeusipo acima); c) sugerindo as regras do jogo, isto é, as linguagens e métodos a este pertinentes (dialética).

Quiçá a melhor definição da *postura intelectual* de Platão na Academia, para colocá-lo em termos mais contemporâneos, seja a bela definição que encontramos no *Index herculanense dos filósofos acadêmicos: [Platão] age como arquiteto e põe os problemas*, enquanto os outros acadêmicos perseguem as soluções.⁶⁹

Não nas doutrinas, portanto, parece querer estar presente Platão. E sim numa arquitetura da formação e do conhecimento que é o tecer paciente de distâncias, um jogo de cheios e vazios: um fino tear de presenças e ausências, como somente um verdadeiro mestre, de vida ou de filosofia, sabe articular.

⁶⁸ Não acaso um dos mais interessantes filósofos da ciência contemporâneos, Paul Feyerabend, reconheceu a força pedagógica dessa modalidade, reconstruindo dramaticamente, em seus *Diálogos sobre o Conhecimento*, a Academia de Platão na sala de aula de uma universidade contemporânea, para discutir questões de física teórica e epistemologia. Cf. Feyerabend 2001.

⁶⁹ Mekler 1902: col Y, 15-16.

404b: 41
405a: 42 (n.40)
410d: 40
414b8-c2: 50
415ac: 112
424a: 42
424b: 113
427e ss: 61
433b: 112
435a: 107 (n.36)
436a-b: 60
441c: 60
450b: 68
450d-473e: 67
451e: 113
454de: 113
455e: 113
457cd: 111 (n.7)
459cd: 113
459de: 113
460b: 113
460c: 113
461b: 113
470d: 61
495e: 118
497bc: 114
503b: 114
508c: 19 (n. 19)
509b 9: 101 (n.13)
509d 5 ss: 101 (n.13)
517b: 19 (n. 19)
517c: 19 (n. 21)
519e: 112
520a: 112
546a: 111
561e: 113
563b: 118
592b: 111
606e-607d: 17 (n. 13)

632c: 115
643d: 115
663e: 115
688e: 115
689e: 114
720ac: 117
760e: 117 (n.17)
763cd: 117 n.17)
805e: 117 (n.17)
806d: 116 (n.17)
806d-808c: 115
808d: 117
808e: 117 (n.17)
846d: 116 (n.17)
849c: 116 (n.17)
872c: 117
878de: 116
910cd: 116
913a: 117
914a: 122
914ce: 117
915ac: 118
916a: 117
920a: 116 (n.17)
923ab: 116
928e: 116
932d: 122
960a-969d: 115
966b: 117
O Sofista
216b5-6: 48
230d6-e3: 56
254 ab: 105 (n.29)
Timeu
28a 1: 101 (n.13)
28a 2: 101 (n.13)
28c: 105 (n.29)
30a 4-5: 99 (n.9)
34b: 98 (n.3)

- 41d: 98 (n.3)
52b: 18 (n.16)
- Plotino
Enéadas
II 4 (12). 10. 4-11: 99 (n.9)
IV 2 (4): 98 (n.3)
V 1 (10): 98 (n.3)
V 3 (49) 17. 29: 107 (n.36)
V 8 (31): 98 (n.3)
VI 7. (38). 34. 13: 107 (n.36)
VI 7. (38). 36. 19: 107 (n.36)
- Plutarco
Pelópidas
23: 56 (n.29)
Sólon
12.8: 56 (n.28)
Címon
13. 8: 73 (n.20)
13.7: 74 (n.22)
Sobre o Génio de Sócrates
594c6-9: 52
- Porfírio
Da Abstinência
I. 36: 74 (n.23)
- Proclo
De forma epistolari
104 (n.24)
De malorum subsistentia
103
Elementa Theologica
28: 101 (n.15)
33: 104 (n.25)
35: 104 (n.25)
42: 104 (n.25)
122: 106 (n.33)
125: 104 (n.25)
140: 106 (n.33)
142: 106 (n.33)
Platonis Parmenidem commentarii
I 641. 15-643. 5: 97 (n.1)
- VI 1052. 14-15: 98 (n.6)
VI 1052. 25-1053. 9: 98 (n.7)
VI 1053. 9-27: 98 (n.7)
VI 1053. 30- 1054. 10: 99 (n.8)
VI 1053. 30-1054. 10: 99 (n.8)
VI 1054. 10-30: 99 (n.8)
VI 1054. 31-1055. 14: 99 (n. 10)
VI 1055. 14-20: 99 (n.10)
VI 1056. 1-1057.3: 99 (n.10)
VI 1057. 5-1058. 2: 100 (n.11)
VI 1057. 6: 100 (n.11)
VI 1058. 2-16: 100 (n.11)
VI 1058. 17-1061. 16: 100 (n.12)
VI 1061. 17-1064. 14: 101 (n.14)
VI 1133. 3-4: 104 (n.23)
VII 504-5: 107 (n.36)
VII 1154. 1: 107 (n.36)
VII 1162. 6-7: 107 (n.36)
- Platonis Alcibiadem commentarii*
11, 11-17: 97 (n.1)
Platonis Timaeum commentarii
I, 13. 5-30: 97 (n.1)
II, 302, 17-23: 105 (n.29)
II, 303, 1-3: 105 (n.29)
- Theologia Platonica*
I 1. 6. 24: 100 (n.11)
I 8-12: 97 (n.1)
I 12. 57. 12-15: 107 (n.36)
I 22: 101 (n.14)
I 29. 123. 16-125. 13: 103 (n.22)
- Pseudo-Dionísio Areopagita
De coelisti hierarchia
III 3: 104 (n.25)
121 C: 106 (n.33)
177 B: 106 (n.33)
329 C: 107 (n.369)
De divinis nominibus
I 5: 104 (n.25)
I 6: 104 (n.25)
II 1: 104 (n.25)

- II 9: 102 (n.19)
II 3: 104 (n.25)
IV: 103
IV 14: 104 (n.25)
589 D: 106 (n.33)
644 B: 106 (n.33)
648 A: 107 (n.35)
701C: 104 (n.25)
913 C: 106 (n.33)
916 A: 106 (n.33)
De mystica theologia
103
Epistulae I
104
1065 A-B: 104 (n.28)
Epistulae II
104; 104 (n.25); 106
1067A2: 106 (n.33)
1068A-1069A: 106 (n.32); n(.33)
Epistulae III
104; 107
1069 B: 107 (n.35)
Epistulae IV
104; 106; 107 (n.35)
1072A-C: 106 (n.34)
Epistulae V
104; 105
1073A-1076A: 105 (n.31)
Epistulae VII
107
Pseudo-Xenofonte
Constituição dos Atenenses
1. 13. 1-3: 52
2.14: 47
São Paulo
Carta a Tito
1, 12: 52
Simplicio
Aristotelis Physica comentaria
268: 89 (n.16)
- Suda
verbete "Platão": 90 (n.18); 94
Teógnis
499 ss: 58
Tucídides
A Guerra do Peloponeso
1.143.5: 47
Xenócrates
Fr. 53 (Heinze): 90 (n.17)
Fr. 264-66: 90 (n.17)
Xenofonte
O Banquete
8. 32-34: 56 (n.29)
Memoráveis
III, 6: 88 (n.4)

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO HUMANITAS SUPPLEMENTUM

1. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 1 – Línguas e Literaturas. Grécia e Roma* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
2. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 2 – Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
3. Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrício: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 – História, Arqueologia e Arte* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2010).
4. Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira e Francisco de Oliveira (Coords.): *Horácio e a sua perenidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
5. José Luís Lopes Brandão: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
6. José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster and Paula Barata Dias (eds): *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
7. Gabriele Cornelli (Org.): *Representações da Cidade Antiga. Categorias históricas e discursos filosóficos* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/Grupo Archai, 2010).
8. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (Coords.): *Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC/CH, 2010).
9. Françoise Frazier et Delfim F. Leão (eds.): *Tychè et pronoia. La marche du monde selon Plutarque* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, École Doctorale 395, ArScAn-THEMAM, 2010).
10. Juan Carlos Iglesias-Zoido, *El legado de Tucídides en la cultura occidental* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, ARENGA, 2011).
11. Gabriele Cornelli, *O pitagorismo como categoria historiográfica* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
12. Frederico Lourenço, *The Lyric Metres of Euripidean Drama* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
13. José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
14. Carmen Soares & Paula Barata Dias (coords.), *Contributos para a história da alimentação na antiguidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).

15. Carlos A. Martins de Jesus, Cláudio Castro Filho & José Ribeiro Ferreira (coords.), *Hipólito e Fedra - nos caminhos de um mito* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
16. José Ribeiro Ferreira, Delfim F. Leão, & Carlos A. Martins de Jesus (eds.): *Nomos, Kosmos & Dike in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
17. José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Mnemosyne kai Sophia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
18. Ana Maria Guedes Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
19. Aurora López, Andrés Pociña & Maria de Fátima Silva, *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
20. Cristina Pimentel, José Luís Brandão & Paolo Fedeli (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
21. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serrano (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
22. Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
23. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & JoséLuís Brandão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. I – Dos saberes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 282 p.
24. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. II – Dos poderes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 336 p.
25. Joaquim J. S. Pinheiro, *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 458 p.
26. Delfim Leão, Gabriele Cornelli & Miriam C. Peixoto (coords.), *Dos Homens e suas Ideias: Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013).
27. Italo Pantani, Margarida Miranda & Henrique Manso (coords.), *Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
28. Francisco de Oliveira, Maria de Fátima Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (coords.), *Violença e transgressão: uma trajetória da Humanidade* (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
29. Priscilla Gontijo Leite, *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).

30. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. - Volume I (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
31. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo*. - Volume II (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
32. Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão, Maria Aparecida de Oliveira Silva (coords.), *Plutarco entre mundos: visões de Esparta, Atenas e Roma* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
33. Carlos Alcalde Martín, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a arte* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
34. Ana Iriarte, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).
35. Ana Maria César Pompeu, Francisco Edi de Oliveira Sousa (orgs.), *Grécia e Roma no Universo de Augusto* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).
36. Carmen Soares, Francesc Casadesús Bordoy & Maria do Céu Fialho (coords.), *Redes Culturais nos Primórdios da Europa - 2400 Anos da Fundação da Academia de Platão* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).

Em comemoração dos 2400 anos da fundação da Academia de Platão, o presente volume reúne dez contributos sobre a figura do fundador da Academia, sua escola e obra, bem como sobre a influência por ele exercida em autores posteriores (da Antiguidade aos nossos dias) e receção desse legado ao longo da história.

Em termos de temáticas abordadas, os primeiros cinco capítulos incidem na análise de conteúdos diversos tratados nos diálogos platónicos. Começa-se por considerar a importância do *Fedro* na conceção filosófica de um 'lugar supraceleste'. Seguem-se duas reflexões sobre a paideia platónica, uma centrada n' *O Político*, outra na análise das práticas desportivas n' *A República* e n' *As Leis*. São também perspectivadas as implicações (dramáticas/filosóficas) da origem multicultural das personagens n' *As Leis*, bem como a perceção do banquete como modelo de comunidade sobre a qual se constitui a comunidade filosófica. Os cinco capítulos restantes concentram a sua atenção na presença em autores posteriores (do neoplatonismo à literatura contemporânea) do filósofo, da sua obra e da Academia.